

TAMANGO
Prosper Mérimée

BENITO CERENO
Herman Melville

KANDIMBA*
Lourenço Cazarré

COORDENAÇÃO MARCIA KUPSTAS

ILUSTRAÇÕES EDSON IKÊ



São Paulo, 2019
1ª edição

* Este livro, originalmente intitulado *Os filhos do deserto combatem na solidão*, venceu o Prêmio Cepe Nacional de Literatura 2016, na categoria Juvenil, e o Prêmio Literário da Fundação Biblioteca Nacional 2018, também na categoria Juvenil. (N.E.)

Coleção Três por Três

Direção Presidência

Mário Ghio Júnior

Gerência editorial

Cintia Sulzer

Coordenação editorial

Fabio Weintraub

Edição e preparação de texto

Andreia Pereira

Planejamento e controle de produção

Patrícia Eiras e Adjane Queiroz

Revisão

Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Kátia Scaff Marques (coord.),
Rosângela Muricy (coord.), Daniela Lima, Luciana B. Azevedo,
Malvina Tomáz, Ricardo Miyake, Vanessa P. Santos

Coordenação comercial

Carolina Tresolavy

Edição de arte

Claudio Faustino (gestão), Erika Yamauchi Asato (coord.)
e Nathalia Laia (assist.)

Diagramação

Nathalia Laia

Iconografia e tratamento de imagem

Sílvio Kligin (superv.), Fernanda Crevin

Colaboradores

Projeto gráfico

Aeroestúdio

Ilustrações

Edson Ikê

Coordenação

Marcia Kupstas

Suplemento de leitura e projeto de trabalho interdisciplinar

Silvia Oberg

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Três escravos / coordenação de Marcia Kupstas ;
ilustrações de Edson Ikê. — São Paulo : Atual, 2019.
(Coleção Clássicos Juvenis : Três por três)

Conteúdo:

Tamango / Prosper Mérimée
Benito Cereno / Herman Melville
Kandimba / Lourenço Cazarré
ISBN 978-85-5769-231-2

I. Literatura infantojuvenil I. Kupstas, Marcia, 1957- II.
Ikê, Edson III. Mérimée, Prosper, 1803-1870. Tamango IV.
Melville, Herman, 1819-1891. Benito Cereno V. Cazarré,
Lourenço, 1953- Kandimba

19-2036

CDD 028.5

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

CL: 811458

CAE: 661620

2019

1ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:

Copyright © Lourenço Cazarré, 2019

SARAIVA Educação S.A., 2019

Avenida das Nações Unidas, 7221- Pinheiros

São Paulo – SP – CEP 05425-902 – Telefone: (0xx11) 4003-3061

www.coletivolcitor.com.br

atendimento@aticascipione.com.br



SUMÁRIO

Prefácio

Três escravos libertários 9

TAMANGO 13

1. Isso é desumano 15
2. Negociação 17
3. Rainha 19
4. Justiça divina 20
5. Um grito de fúria 21
6. Uma grande abóbora oca 23
7. O instrumento dos deuses 24
8. Gritos de guerra 26
9. A luta 27
10. A roda do leme 28
11. Aguardente 29
12. Naufrágio 30
13. Uma chama na escuridão 32
14. Liberdade 34

BENITO CERENO 35

1. Desgraça 37
2. Machadinhas 38
3. Sofrimento 39
4. Contraste 40
5. Brincadeira 42
6. Perdão 43
7. Confiança 44
8. Confusão 46
9. Resmungos 47

10. N6 47
11. Migalha 49
12. Sangue 50
13. Conselheiro 53
14. Visita 54
15. Adeus 55
16. Pirata 56
17. Recompensa 58
18. Rendição 59
19. Água 60
20. Vigilância 61
21. Esquecimento 63
22. Liberdade 64

KANDIMBA 65

1. O canto do pássaro desconhecido 67
2. Leoa pronta para atacar 68
3. O rio, o bosque e as montanhas 70
4. A sede, a fome e o cansaço 71
5. O velho que enganava a morte 72
6. Aguardente e tabaco 74
7. A cabana que se move sobre a água 75
8. Um país distante, imenso 76
9. Mais poderosa que a rainha Ginga 77
10. Para escravizar gente pacífica 79
11. Adultos gostam de assustar crianças 80
12. A batida seca dos remos 82
13. Imobilizado pelo olhar hostil 83
14. O misterioso objeto retangular 84
15. Mares nunca dantes navegados 85
16. A música encantadora das palavras 87
17. Uma máscara de pelos vermelhos 88
18. Moleque de recados 89
19. O tiro dado por um bêbado 90
20. Uma voz que tentava parecer fria 91
21. O primeiro degrau da dor 92
22. Enganando o bom Deus? 93
23. As ladroagens praticadas todos os dias 96

24. À noite, às escondidas, à luz de vela 97
25. Provas ainda mais duras 98
26. O terrível sentimento de humilhação 99
27. Um tapete de corpos humanos 101
28. Trezentos mil-réis 102
29. Preces, blasfêmias e gritos de dor 103
30. Duzentas almas 104
31. Diamantes negros 106
32. Pessoas enlouquecidas pelo desespero 107
33. O momento mais triste era o despertar 108
34. Ajuda divina 110
35. A Babel da África 111
36. Um bom serviço aos irmãos africanos 112
37. Não vim para salvar ninguém 114
38. Do hospital para a cadeia 115
39. Um súbito acesso de tosse 117
40. Boa impressão no primeiro dia 118
41. Na tua aldeia não era assim? 119
42. A música africana abafou o som do violino 121
43. O capitão tem medo das calmarias 122
44. Os desgraçados são teus irmãos 123
45. A mais bela de todas 124
46. Um banho de sangue 125
47. Vi só tristeza no rosto dela 126
48. Filhos do Diabo 127
49. Deixa comigo 128
50. Murro e cabeçada 129
51. Navios não brigam com o vento 131
52. O feitiço dos olhos de Muxima 132
53. Os primeiros irão para o inferno 134
54. Não temos outra saída 134
55. Ninguém mais descerá ao porão 135
56. Não deves confiar em ninguém 136
57. O sorriso alegre dos africanos 137
58. Uma alta parede de água 138
59. Um pai-nosso e uma ave-maria 140
60. Nas mãos de Deus 140
61. Em busca de liberdade 141



TRÊS ESCRAVOS LIBERTÁRIOS

Três autores, três épocas, três lugares... e um tema central, reunindo três diferentes narrativas. Quantas semelhanças pode haver entre essas histórias, quantas são suas particularidades?

“Se a escravidão não é crime, o que será um crime?”, disse o político norte-americano e abolicionista Abraham Lincoln (1809-1865). No que se refere à escravidão negra nas Américas, foi um crime altamente lucrativo, porque a força econômica americana baseou-se no sistema de *plantation*, com latifúndios de monocultura (tabaco e algodão no sul dos Estados Unidos; cana-de-açúcar no nordeste brasileiro, por exemplo), e, para mover essa agricultura, era preciso muita mão de obra: a africana, escravizada e levada para o outro lado do Atlântico.

Supõe-se que os navios negreiros tenham trazido cerca de 13 milhões de pessoas da África para as Américas, na maior deportação da história mundial. Uma viagem de Luanda para o nordeste brasileiro levava aproximadamente 35 dias. Era comum que morressem de 30% a 50% da “carga” ou de “peças” – como se denominavam os escravos – durante a travessia. Mesmo assim, o lucro era impressionante, e o comércio de escravos prosseguiu por três séculos e meio.

No volume *Três escravos*, da coleção **Três por Três**, Lourenço Cazarré reúne narrativas repletas de peripécias e tão ricas em informações que acabam

por formar um amplo quadro, trágico e comovente, do que foi o transporte de cativos nos navios negreiros.

Tamango (1829), de Prosper Mérimée, é uma história aventureosa e trágica ao mesmo tempo. O africano Tamango é vendedor de escravos e líder do seu povo. Certa vez, ao negociar com o capitão Ledoux, ele se embriaga e envia sua esposa Aicha com os cativos. Ao despertar no dia seguinte e tomar consciência do que fez, vai sozinho ao navio negreiro *Esperança*, para reavê-la. É aprisionado pelo capitão Ledoux, que o considera ótima “peça” para a escravidão. O navio parte e logo Tamango se revela um líder nato. Convence os escravos a seguir suas ordens e dominam o barco. Porém, não sabem navegar. O *Esperança* fica à deriva, até que as provisões acabam e todos morrem. Com exceção de Tamango, que é resgatado, quase à morte, por um navio inglês. É levado a Kingston, na Jamaica; ali se recupera e conta sua história às autoridades. É libertado e vai trabalhar com um oficial britânico. Quase não fala, bebe muito e, anos depois, complicações pulmonares o levam à morte.

O desfecho pode ser plausível e realista, mas é um anticlímax. Não há como o leitor não simpatizar com Tamango e torcer por ele. Ele é uma força da natureza, um anti-herói com falhas e contradições, mas fascinante em sua capacidade de liderança e persistência, resistindo ao destino traçado e mantendo seu orgulho nas condições mais adversas.

Baseado em fatos reais, *Benito Cereno* (1855), do escritor norte-americano Herman Melville, traz a narrativa do ponto de vista dos brancos. Em 1799, o comandante Amaso Delano, do barco de caça à foca *Perseverance*, avista um estranho navio à deriva, próximo a uma ilha chilena. Ao subir a bordo do *Santo Domingo*, encontra uma situação lastimável: alguns marujos brancos e uma centena de negros em condição miserável de fome, sede e desalento.

Amaso se condói daqueles homens e lhes oferece água e comida. Enquanto ocorre o abastecimento, ouve a história trágica. O capitão Cereno, sempre apoiado por Babo, seu fiel escravo pessoal, explica que transportava escravos para um amigo e que eram seres tão pacíficos que dispensavam o porão, ficando no tombadilho. Depois, sua narrativa fica confusa, com calmarias e tempestades em latitudes incompatíveis. O comportamento das pessoas a bordo também causa estranheza a Delano: os marujos respondem por monossílabos, há alguns negros que não param de polir suas machadinhas, um grupo de velhos mantém-se vigilante e um negro grande, Atufal, está sob grilhões, mas age com arrogância incomum.

Tudo parece suspeito ao comandante Delano, que desconfia de uma armadilha e resolve voltar ao próprio navio, depois de prover o *Santo Domingo*.

Na hora em que o bote está se afastando, o capitão Cereno joga-se ao mar e quer ir com ele. Babo segue o capitão, armado de um punhal. Cheio de ódio, tenta matar o “patrão”. Delano compreende que os escravos se rebelaram e eram os verdadeiros senhores do negreiro. Lidera um ataque ao *Santo Domingo*. Na batalha, muitos marujos se ferem, mas dominam o barco. Cereno, então, conta a verdadeira versão dos fatos: realmente os brancos eram prisioneiros e Babo era o líder dos amotinados. Tomaram o barco e queriam retornar à África. Como isso não era possível, navegaram em busca de uma terra hospitaleira, mas enfrentaram intempéries até o fim dos suprimentos. Quando avistaram o *Perseverance*, Babo propôs a farsa para conseguir ajuda e, tão logo fosse possível, dominá-lo também.

O caso da rebelião é julgado em Concepción. Ao concluir sua história, Melville coloca, na boca do advogado de defesa, os valores da constituição americana: “[...] todos os homens são livres, iguais diante da lei e têm o direito de se rebelar quando lhes é roubada a liberdade”. Essas palavras se revelam inúteis; os oito líderes do motim são condenados à morte.

Lourenço Cazarré, autor das adaptações, em seu texto original, *Kandimba*, cria uma magnífica novela histórica.

O protagonista, homônimo da obra, que também é o narrador em primeira pessoa, começa sua história ainda criança, quando uma tribo rival ataca a vila em que ele vive e aprisiona seu povo. Seu pai é morto e sua mãe e seu irmão são enviados para o Brasil em um navio negreiro. Ele escapa do destino porque sua esperteza e curiosidade atraem a atenção do velho Mgongo, um misto de intérprete e auxiliar dos portugueses, que o coloca a serviço de dona Joana, uma das mulheres mais poderosas de Luanda.

Passam-se anos de aprendizado. O jovem Kandimba decora palavras em outros idiomas, alfabetiza-se em português, lê *Os Lusíadas*... Quando dona Joana parte em viagem, ela o deixa aos cuidados do padre Paizinho Coração. Com ele, aprende sobre religião e valores espirituais, lê a Bíblia e tem uma vida tranquila no convento. Após a morte do padre, sua sina muda. A irmandade o vende como escravo e se inicia sua trajetória mais terrível – e também heroica.

Depois de algumas peripécias, Kandimba acaba em um navio negreiro, que navega para o nordeste brasileiro. Tem uma dívida de gratidão com o capitão Mortezinha, mas isso não o impede de participar – e mesmo de exercer a liderança – da rebelião dos escravos. Seu coração está cheio de amor pela bela Muxima e ele quer a chance de viver com ela em liberdade. Ainda enfrenta a traição de José e descobre que o quilombo de Palmares, que este anunciava como destino seguro, não existe há mais de cem anos. Então o jovem percebe

que, se quer ajudar os cativos rebeldes, tem de mentir. Grita “Palmares!” e lidera seu povo, em busca de um lugar de liberdade e esperança.

A coleção **Três por Três** pretende não só aproximar essas narrativas quanto a seu assunto central, mas permitir ao leitor que reconheça suas diferenças.

Tamango inspira empatia pelo protagonista homônimo, mas a opção por um desfecho tão prosaico decepciona o leitor moderno. A conclusão não chega sequer a ser punitiva dos excessos de Tamango, ela resulta apenas comum demais para alguém que vivenciou aventuras tão intensas.

A aventura cede terreno à indignação e à afirmação do poder dos brancos em *Benito Cereno*. A narrativa vem pela ótica do capitão Delano, que estranha o comportamento a bordo do navio e, quando descobre a realidade, tem reação punitiva e violenta; porém justa e legalista. Se fosse um homem de mau caráter, Delano poderia matar os escravos que se renderam ou simplesmente vendê-los em algum porto escravista. Opta por conduzir o *Santo Domingo* a um tribunal em cidade organizada. Essa legalidade e senso de justiça extrapolam a posição do personagem; ao citar a constituição americana, Melville repudia a escravidão, confirmando a máxima de que o homem deve ser livre e, ao lutar para conseguir a liberdade, jamais comete um crime.

Kandimba é realmente uma narrativa moderna. Paradoxalmente, é aquela que nos traz mais detalhes da época da escravidão. A pesquisa histórica é preciosa, e a narrativa cria uma incrível intimidade com o jovem leitor brasileiro. Afinal, Kandimba é um narrador curioso que divide conosco suas descobertas e revela sensibilidade também moderna, no que concerne à justiça e à solidariedade. Impede a vingança contra os marinheiros do navio negreiro, pune a traição com equilíbrio e, se é para incutir esperança, não se exime de mentir por uma causa maior. Não há como o leitor não se cativar (se é possível o trocadilho) de um cativo tão extraordinário.

Seja realista e até frustrante, pela justiça dos brancos ou por uma visão solidária mais contemporânea, o destino desses três escravos nos traz grande reflexão. Afinal, é justamente esta a proposta inovadora da coleção **Três por Três**: trazer a adaptação modernizada de textos antigos, de autores significativos da literatura universal, que dialogam com uma história de escritor brasileiro, também autor das adaptações. Seu desafio maior é seduzir o jovem leitor para que conheça o que já foi feito em outras épocas, sobre temas que, mesmo em nossos dias, continuam relevantes e desafiadores.

Boa leitura!

Marcia Kupstas

TAMANGO

Prosper Mérimée

Adaptação de Lourenço Cazarré



PROSPER MÉRIMÉE.

Francês, nasceu em Paris em 1803 e faleceu em Cannes em 1870. Era filho único de Leonor e Anne-Louise Mérimée, casal intelectual que valorizava as artes.

O pai era pintor e professor de desenho, atividades que muito influenciaram o filho. Prosper estudou no Liceu Imperial antes de entrar na Faculdade de Direito, formando-se em 1823.

Prosper Mérimée foi um homem de seu tempo, reconhecido em vida por múltiplas atividades, além de escritor. Poliglota, aprendeu latim, grego, italiano, inglês e russo. Foi o primeiro a traduzir obras literárias russas para o francês. Em 1830 foi nomeado inspetor de monumentos históricos, tarefa em que se destacou. Aliou o conhecimento de idiomas a uma curiosidade nata, estudando arquitetura e arqueologia. Propôs técnicas inovadoras de restauração de obras de arte que engrandecem o acervo cultural francês até os dias de hoje.

Colomba (1840) foi seu primeiro grande sucesso de público. Passa-se na Córsega (tema de Matteo Falcone e outras histórias do autor) e trata do assassinato por vingança. Muitos de seus livros se passam em lugares exóticos (alguns realmente visitados por Mérimée, como Turquia, Grécia e Itália), com protagonistas igualmente singulares. É o caso de seu maior sucesso, Carmen (1845), em que a cigana homônima instiga paixões violentas que resultam na destruição dos homens que se apaixonam por ela. A ópera Carmen (1875), de Georges Bizet, baseou-se no livro e popularizou ainda mais a história de Mérimée.

*Para a coleção **Três por Três**, Lourenço Cazarré adaptou a novela Tamango, que consta do volume Mosaico (1833). Tem a marca do exotismo no ambiente e da caracterização de personagens, assuntos tão caros ao público romântico e que certamente continuam cativando o leitor contemporâneo, ainda mais pela bela versão de Cazarré, que nos traz a trajetória de um personagem tão intenso e fascinante.*



1 ISSO É DESUMANO

O CAPITÃO LEDOUX era um bom marinheiro.

Começou sua vida no mar como grumete quando era pouco mais do que um garoto e em alguns anos foi promovido a timoneiro. Na Batalha de Trafalgar teve sua mão esquerda decepada por um estilhaço de madeira. Passou um tempo em terra, mas aborreceu-se tremendamente.

— Repouso é algo que não me agrada — dizia ele.

Voltou a embarcar e serviu como segundo-tenente a bordo de um corsário francês.

Os corsários eram navios particulares que tinham autorização de países em guerra para atacar e pilhar embarcações de seus inimigos.

Com o dinheiro que ganhou com a captura de algumas embarcações, Ledoux comprou livros e se dedicou a estudar a teoria da navegação, pois já conhecia bem a parte prática.

Foi então promovido a capitão de um navio de dois mastros, três canhões e tripulação de sessenta homens, com o qual juntou uma pequena fortuna saqueando barcos ingleses. Por isso, ficou muito contrariado quando a França selou a paz com a Inglaterra.

— Por que firmam um acordo de paz — lamentou-se ele, conhecido pela ironia — justamente quando eu pretendia aumentar ainda mais a minha poupança?

Quando o tráfico de escravos foi proibido, Ledoux viu-se diante de uma nova oportunidade de ganhar muito mais dinheiro. Comandar um navio que carregava africanos para a América era uma tarefa bastante lucrativa, mas que exigia coragem e esperteza para burlar a vigilância dos guardas franceses nos portos e para escapar dos navios ingleses que combatiam o tráfico no mar.

Logo Ledoux passou a ser reconhecido como um grande comandante de navio negreiro. Inovador, ele foi pioneiro no uso de caixas de ferro para conservar a água, bem como na técnica de envernizar algemas para melhor preservá-las contra a ferrugem.

Dirigiu a construção de um brigue, belo veleiro de dois mastros, estreito como um barco de guerra e muito veloz. Deu a ele o nome de *Esperança*.

Para que seu navio pudesse carregar um número ainda maior de escravos, Ledoux resolveu que o porão teria apenas um metro e dez centímetros de altura.

— Isso é desumano — alegou alguém. — Num porão tão baixo assim, os cativos terão de ficar sentados por, no mínimo, quarenta dias.

— Quando chegarem à América, eles poderão passar o resto de suas vidas em pé — respondeu Ledoux.

Como os escravos eram colocados sentados em duas linhas paralelas, uns de frente para os outros, com o dorso apoiado no costado do navio, restava entre os pés deles um espaço livre. Ledoux resolveu levar mais dez homens nesse espaço, deitados, de forma a aumentar o lucro dos traficantes e também o seu, já que recebia participação na venda.

Na sua primeira viagem, o *Esperança* zarpou do porto de Nantes numa sexta-feira, dia de azar, como observaram depois os supersticiosos. No dia anterior, inspetores vasculharam o navio, mas não descobriram as grandes caixas que continham grilhões e algemas, nem estranharam a enorme provisão de água. Afinal, pelos documentos de bordo, aquela embarcação iria apenas até o Senegal buscar madeira e marfim.

Bem aparelhado e equipado, o *Esperança* fez uma travessia tranquila e rápida. Num determinado ponto da costa senegalesa enveredou pela embocadura de um rio largo e profundo e avançou por várias milhas até lançar âncora nas proximidades de um local onde homens, mulheres e crianças eram vendidos como escravos.

Os agentes do tráfico subiram logo a bordo.

— O senhor chegou numa boa hora, capitão Ledoux — disse um deles. — Tamango, um famoso caçador e traficante de escravos, está acampado próximo daqui. Como quer voltar logo ao interior, ele certamente fará um preço bom.

— Baixem um bote! — ordenou o capitão. — Vou conversar agora mesmo com esse sujeito.



2 NEGOCIAÇÃO

POUCO DEPOIS, Ledoux desembarcou em terra e se dirigiu ao lugar onde estava Tamango, com seus auxiliares e os escravos.

Em uma precária cabana de palha, ladeado por suas duas esposas, o alto e forte Tamango esperava o visitante. Vestira-se de modo a impressioná-lo. Trajava uma desbotada túnica militar azul com botões dourados e calças largas de pano da Guiné. Atravessado nas costas, amarrado por um pedaço de corda, trazia um grande sabre de cavalaria. Na mão direita segurava um belo fuzil inglês de dois tiros.

— Este senhor está mais elegante do que os almofadinhas de Paris — comentou Ledoux em voz baixa com seus marinheiros.

Devagar, o imponente e orgulhoso Tamango se pôs de pé.

Com um sorriso irônico nos lábios, o capitão voltou-se para o seu imediato e resmungou por entre os dentes:

— Se levasse esse rapagão até a Martinica, eu poderia vendê-lo por uns mil escudos.

Depois de um forte aperto de mãos, Ledoux e Tamango sentaram-se em almofadas. Um marinheiro que conhecia um pouco do idioma falado naquela região acomodou-se perto deles para servir de tradutor. Um grumete aproximou-se com uma cesta que continha várias garrafas de aguardente, abriu uma delas e o francês e o africano começaram imediatamente a beber.

Para ganhar a simpatia do caçador e mercador de escravos, Ledoux deu-lhe de presente um saco de pólvora que tinha como enfeite um retrato de Napoleão Bonaparte em relevo.

Demonstrando grande alegria com o presente, Tamango fez um sinal a seus ajudantes para que trouxessem os cativos.

Começou então o desfile. Os escravos vieram em uma longa fila, todos eles com o pescoço preso a um forcado de quase dois metros de comprimento. As duas pontas da forquilha eram unidas, na nuca do prisioneiro, por uma trave de madeira. Quando eles iam marchar, o cabo do forcado era colocado sobre o ombro do homem que estava à frente. Assim, o primeiro homem da fila segurava o cabo do forcado do segundo homem que, por sua vez, sustentava o forcado daquele que vinha em terceiro lugar.

— Se estivesse com um pedaço de pau desses pendurado no pescoço, eu não pensaria em fugir — disse Ledoux e, em seguida, passou a criticar